

Terra vermelha, rio amarelo

Uma história da Revolução Cultural

Ange Zhang

Ilustrações do autor

Tradução Cláudio Figueiredo



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



64 páginas

QUEM É ANGE ZHANG?

Poderíamos apresentar Ange Zhang aqui como um artista gráfico e cenógrafo respeitado, de origem chinesa, e atualmente cidadão canadense, habitante da cidade de Toronto, onde desenvolve trabalhos de animação. Mas talvez seja mais convincente e oportuno apresentá-lo como autor e personagem de *Terra vermelha, rio amarelo*, dono de uma vida profundamente marcada pelos acontecimentos políticos e sociais de seu país.

A IMPORTÂNCIA DESSA HISTÓRIA HOJE

O que significa falar da Revolução Cultural Chinesa hoje? Esta é uma pergunta importante a ser feita por qualquer um que pretenda trabalhar com este livro em sala de aula, ou mesmo lê-lo por prazer.

O impacto e o significado da Revolução Cultural extravasam o ambiente chinês e têm também muito a dizer sobre as sociedades ditas ocidentais, incluindo a brasileira.

Iniciada em 1966, a Revolução Cultural maoísta entrou em sintonia com muitos dos movimentos estéticos e político-estudantis das décadas de 1960 e 1970 nas Américas e na Europa. Muito influenciados pelas idéias de Mao Tsé-tung, movimentos sociais, particularmente liderados por estudantes, pretendiam abalar as estruturas sociais e ideológicas tradicionais e instaurar novos hábitos e novas possibilidades de relações entre as pessoas, almejando o que definiam como “liberdade”. Foi assim, por exemplo, com os movimentos estudantis de 1968, tanto na França quanto na costa oeste dos Estados Unidos.



200896274963



O ESPAÇO PÚBLICO

É notório atualmente, por exemplo, o declínio progressivo da valorização do espaço público no Brasil. Cada vez mais a rua, a praça, e até mesmo a escola se tornam espaços do medo, espaços dos quais queremos nos proteger. Raramente, em especial nos grandes centros urbanos, vamos passear na rua. Estamos seguros e protegidos quando nos fechamos em casa, atrás muitas vezes de grades e portarias.

De maneira inversa, o espaço público, durante a Revolução Cultural, ganha o centro de todas as atenções e ações de seus sujeitos: os cartazes são afixados nas ruas, ocupando os espaços dos muros; as escolas são o palco privilegiado dos discursos e das ações dos estudantes das Guardas Vermelhas; as praças se confundem com os maiores centros de reuniões e manifestações dos revolucionários. Vemos que o espaço público se transforma no cenário da Revolução.

Quando consideramos a importância da Revolução Cultural desta perspectiva, no entanto, ainda estamos de certa maneira encerrando-a como uma experiência do passado, que teve seu papel naquele momento circunscrito da História. Ainda nos resta responder pela importância desta experiência para os dias de hoje.

Contar a história da Revolução Cultural hoje pode significar um resgate da possibilidade de mudar radicalmente o mundo contemporâneo. Vivemos numa sociedade que acredita que não há mais nada a fazer: a tese do fim da História representa a eternização do sistema capitalista, com todas as suas desigualdades e histórias de opressão em favor do acúmulo de capitais por alguns privilegiados. A cada dia se torna mais difícil acreditar em uma reviravolta significativa que altere as bases dessa sociedade desigual. A impotência diante das “leis de mercado”, das “regras” da “economia global” e, certamente, dos máximos poderes de nossos “líderes” políticos é cada vez maior. A Revolução Cultural na China, no contexto da Revolução Comunista que a antecederia, a despeito de todos os seus problemas, representou para muitos uma tentativa real de mudar o mundo. Certamente representou essa possibilidade, no seu início, para o protagonista-autor da autobiografia que você tem em mãos.

Mas há também outras questões envolvidas na leitura deste livro, que podem contribuir para a compreensão dos leitores da realidade que os circunda.

Porém, os aspectos positivos referidos não devem obscurecer a leitura crítica dos acontecimentos.

Ao contar sua vida durante a Revolução Cultural, Ange Zhang nos permite acessar o lado mais sombrio e violento dessa experiência histórica. Percebemos que junto com a esperança de mudar o mundo, há também muita inconseqüência teórica e prática na condução do processo para se atingir esses fins.

Na prática, a Revolução Cultural Chinesa significou um período de muita violência, exercida tanto pelo Estado, que ditava rigidamente como cada um devia se comportar e construir a vida, como por parcelas da própria população chinesa. O ponto alto disso é certamente a atuação das Guardas Vermelhas, compostas por estudantes voluntários que, com o objetivo de subverter tradições, agrediam moral e fisicamente muitos cidadãos chineses.

Na China de hoje vigoram outras preocupações, bastante distantes daquelas que nortearam os ideólogos da Revolução Cultural. A nós cabe considerar o significado dessa experiência histórica: o que ela nos diz sobre o mundo de hoje? E sobre o que queremos para o nosso futuro?

A partir da leitura deste livro, será possível considerar tanto os aspectos inovadores e positivos da Revolução Cultural, quanto seu lado sombrio. Poderemos assim discernir, de toda essa experiência histórica, aquilo que definitivamente não desejamos repetir e aquilo que gostaríamos de resgatar.

A HISTÓRIA EM SEU CONTEXTO

A China é um país de dimensões continentais, cuja sociedade (a maior população nacional do mundo, com quase 1,2 bilhão de habitantes) tem uma história milenar. Toda essa grandeza impõe dificuldades.

Podemos considerar a obra em seu contexto histórico de duas perspectivas distintas:

1) É importante estar atento ao momento em que o autor escreveu sua obra. O que o motivou a escrever este livro? Ange Zhang mudou-se para o Canadá em função da repressão aos protestos estudantis de 1989. Descontentes com um Estado autoritário vigente há mais de quarenta anos, esses estudantes enfrentaram, na Praça da Paz Celestial (Tiananmen), o poder da repressão: tanques de guerra eram lançados contra os manifestantes a fim de dispersar o protesto.

Nesse momento, Ange estava longe, realizando um trabalho no Canadá. E não voltou para a China. A experiência de ter sido afastado de sua terra natal por conta de acontecimentos dessa natureza marcou profundamente a vida do autor. Motivado a compreender essa sua relação com a China, revisitou o passado e extraiu de suas lembranças a narrativa que temos agora em mãos. Sua perspectiva, portanto, é a de alguém que manifesta seu descontentamento com a Revolução Cultural e o Estado chinês, alicerçado sobre uma estrutura que a promoveu. Nesse sentido, é uma obra que defende a liberdade e procura mostrar o choque diante da incompreensão, da intolerância e da violência de Estado.

2) A China tem uma longa história, que remonta às primeiras civilizações conhecidas hoje por arqueólogos e historiadores. A periodização da História chinesa é bastante diferente daquela adotada no mundo ocidental. A partir de cerca de 200 a.C. a História chinesa é dividida em dinastias. Nessa época, uma miríade de reinos separados foi unificada sob a dinastia Qin, seguida pela dinastia Han e por outras.

Ao longo da Idade Média ocidental, a China experimentou momentos de união e desunião. Em determinados períodos, o territó-

A GEOGRAFIA DA CHINA

O território chinês tem cerca de 9,6 milhões de km², sendo o terceiro maior país do mundo em área. Essas dimensões territoriais garantem à China uma grande variedade de climas, relevo e idiomas.

A paisagem chinesa é em grande parte montanhosa, sendo que as porções mais a oeste concentram as terras mais altas (principalmente na região do Tibete). Nessas regiões desenvolveram-se principalmente culturas com modo de vida nômade.

A maior parte da população chinesa, no entanto, se concentra nas porções mais próximas ao litoral, de terras predominantemente planas e férteis, desde o extremo sul até o norte. É nessa parte da China que se desenrolam os acontecimentos narrados em Terra vermelha, rio amarelo.

Ange Zhang deixou a cidade de Beijing (atual Pequim), capital da China, hoje com cerca de 11 milhões de habitantes, em direção, primeiro, à província de Shanxi, a sudoeste da capital. A principal atividade econômica dessa região é a agricultura do trigo. Mais tarde, Ange foi levado para o sul, na província de Hubei, onde viveu por sete anos, trabalhando em uma indústria de fabricação de lápis.

A REVOLUÇÃO CHINESA

A Revolução Chinesa de 1949 deve, portanto, ser compreendida como uma resposta à longa história de dominação e desigualdade. Ela instituiu a República Popular da China e teve como principal líder Mao Tsé-tung, que governaria o país até sua morte. Em 1966, acreditando que a Revolução Comunista ainda não havia assentado suas bases na sociedade chinesa, Mao instituiu a Revolução Cultural.

Havia ali a perspectiva de alterar algo que pode parecer bastante abstrato. Para que a Revolução se efetivasse, na perspectiva maoísta, era necessária uma revolução na cultura chinesa, ou seja, em sua tradição capitalista. Os chineses guardam grande respeito pelos seus antepassados e os têm como sábios. Com isso, podemos considerar a sociedade chinesa essencialmente tradicional ou, se quisermos, conservadora. Como fazer a revolução em uma sociedade assim? Para Mao Tsé-tung, a resposta a essa questão foi a Revolução Cultural. Era necessário, em sua perspectiva, que os chineses refundassem seus vínculos com a tradição. Era preciso que as “novas” idéias, trazidas pelos jovens, passassem a ser bem recebidas pela população em geral. Acreditava-se que com isso seriam diluídas as desigualdades sociais.

Mas a situação fugiu ao controle do Estado, que acabou por determinar o fim da Revolução Cultural assim que Mao Tsé-tung faleceu, em 1976.

rio que hoje reconhecemos como chinês foi invadido por diversos outros países, entre os quais o Japão, a Mongólia e a Rússia.

No início do século XX, uma Guerra Civil, travada principalmente entre partidos com ideologias diferentes, denunciou a estagnação em que vivia a maior parte da população chinesa. Com o poder concentrado nas mãos de poucos dentro da estrutura imperial, as desigualdades sociais eram bastante agudas e a economia do país, atingida pelo imperialismo europeu ao longo do século XIX, mostrava-se fraca para reverter a crise. O conflito foi interrompido com a Segunda Guerra Mundial, quando o Japão aproveitou para fazer sucessivas invasões ao território chinês. A China se uniu contra o inimigo nacional durante a Guerra, mas depois do conflito mundial, as divisões internas afloraram novamente. Nesse momento, os movimentos de caráter popular e comunista começaram a tomar vulto e ganhar a aceitação da população.

A partir de então, a China passou por várias transformações. Economicamente, a China aderiu à economia de mercado, ou seja, liberal. Empresas de todos os lugares do mundo produzem na China, explorando uma das mãos-de-obra mais baratas do mundo, apoiadas por uma fraca legislação trabalhista. Politicamente, no entanto, houve poucas mudanças. O sistema de partido único instituiu uma elite burocrática e centralizadora que, da perspectiva dos governantes chineses, deve ser mantida. E, no entanto, cabe a nós perguntar: é possível existir um “comunismo de mercado”?

A NARRATIVA

Apesar de Zhang ter vivido uma experiência que podemos considerar dramática (a invasão de sua casa por Guardas Vermelhos, a agressão moral de ter sido considerado um “bastardo” por ser filho de um escritor famoso, o período de residência forçada na área rural do nordeste da China etc.), terminamos a leitura do livro sem a impressão de que sua história foi uma tragédia.

Muito sensível, o autor mostra que, se na China daquela época acontecimentos fortes e assustadores estavam ocorrendo, em sua vida também se processavam acontecimentos fundamentais: Ange Zhang nos conta sobre o período em que se tornou um homem adulto, o desprendimento (talvez de maneira forçada e artificialmente acelerada) de seus pais, a fim de ganhar identidade pessoal e desenvolver sua personalidade. Conta também que foi exatamente nesse período que descobriu que gostaria de ser pintor e ilustrador.

O QUE É ESTE LIVRO?

Este é um livro de memórias, uma espécie de autobiografia. E um dado importante a ser levado em conta durante a leitura: não é um livro de história propriamente dito, ainda que aborde um determinado período da história da China, e também não é uma narrativa ficcional.

Muito mais do que contar a história da Revolução Chinesa, o autor e ilustrador Ange Zhang pretende compartilhar com seus leitores aspectos de suas lembranças que permitem acessar acontecimentos históricos mais amplos.

Por ter um caráter memorial, o livro está eivado de impressões, sentimentos e julgamentos de seu autor: ele assume para si a tarefa de narrar, de um ponto de vista muito pessoal, a época em que se desenvolveu sua adolescência e teve início seu processo de amadurecimento. Além disso, não se trata de um diário, escrito durante aquela época (e por isso não deve ser considerado um documento histórico): foi escrito bem mais tarde, já no século XXI.



Além de um texto preciso, cuidadoso e muito sensível, é necessário também notar as ilustrações. De caráter bastante realista e expressivo, elas integram o leitor ao universo do que está sendo narrado, abrindo uma porta para a visualização do cenário desta história. Como a sociedade chinesa é bastante diferente, pode ser importante um trabalho de observação cuidadosa das imagens do livro. Nelas há representações da cidade de Pequim, da vida rural no nordeste da China, dos meios de transporte comuns naquele país, e até mesmo da casa do pai de Ange Zhang, construída em um estilo bastante característico e tradicional chinês.

DICAS PARA O PROFESSOR

No final do livro há um breve texto histórico que aborda o período tratado. Mesmo assim, pode ser interessante o professor retomar a leitura dos pensamentos de Mao Tsé-tung. Há livros de sua autoria, publicados em português, que podem ser encontrados em boas bibliotecas universitárias. Atualmente, há disponível no mercado o livro *Citações Mao Tsé-tung*, publicado em Portugal por Hugin Editores desde 1998 e que pode ser encomendado em livrarias que trabalhem com importação.

Há muito pouco material de qualidade publicado no Brasil sobre a história da China em geral e principalmente sobre esse período. Durante algumas décadas, a maioria das publicações brasileiras sobre a Revolução Cultural sentiam a firme necessidade de optar por apoiar ou por desqualificar o movimento. Com isso, por meio dessas leituras é geralmente mais fácil aprender sobre a história recente do Brasil do que sobre a Revolução Cultural.

Há, no entanto, um livro sobre a *Revolução Chinesa* que pode ser recomendado, apesar de estar um tanto desatualizado. Trata-se de um paradidático bastante sério:

- BEZERRA, Holien Gonçalves. *A Revolução Chinesa*. São Paulo: Atual / Campinas: editora da Unicamp, 1984.

Além disso, recomenda-se a visita a alguns *sites*, que trazem material bastante atualizado e de qualidade.

- *Quill and Quire* (site canadense em inglês): http://www.quillandquire.com/authors/profile.cfm?article_id=6336. Este *link* traz um texto de Nicholas Dinka sobre a vida de Ange Zhang. Escrito na ocasião do lançamento do livro, trata-se de uma resenha crítica que aborda o percurso percorrido pelo autor na composição da obra. Contém também trechos de uma entrevista com Ange Zhang, nos quais o autor comenta a importância de sua relação com o pai e sua vivência na Revolução Cultural Chinesa.

- *Wikipédia* em português: http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Cultural_Chinesa. A Wikipédia é uma enciclopédia livre, disponível na *internet* para qualquer visitante, e com textos em português, bastante simples e objetivos. A página sobre a Revolução Cultural Chinesa traz uma série de *links* para outros artigos da Wikipédia relacionados a este evento, como uma biografia de Mao Tsé-tung e um texto sobre o Partido Comunista Chinês. Por ter um caráter enciclopédico, a sucessão de verbetes e artigos que os *hiperlinks* permite acessar, abre espaço para uma compreensão mais global da história recente da China, desde a organização do Partido Comunista Chinês até as décadas posteriores à Revolução Cultural. Ainda na Wikipédia, há disponível um mapa político da China, mostrando as divisões internas e as províncias: http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Divisoes_da_China.PNG. Pode ser interessante visitá-lo para conhecer o trajeto percorrido por Ange Zhang.
- BBC (*site* em inglês) – dossiê sobre a Revolução Comunista Chinesa: http://news.bbc.co.uk/hi/english/static/special_report/1999/09/99/china_50/mao.htm. Também de caráter enciclopédico, este dossiê da BBC inglesa sobre a Revolução Comunista Chinesa, em suas várias etapas permite também uma compreensão global de todo o fenômeno. Os textos (curtos e acessíveis) chegam até os conflitos na Praça da Paz Celestial, em 1989, eternizados na famosa imagem de um estudante se postando diante de um tanque de guerra para conter seu avanço.
- *Morning Sun* (*site* em inglês): <http://www.morningsun.org/about/index.html>. Apesar de estar em inglês, apresenta uma vantagem que pode permitir um trabalho bem interessante com os alunos: a coleção bastante extensa de imagens relacionadas à Revolução Cultural (desde fotografias até cartazes). Os cartazes revolucionários podem se transformar em material didático de imenso valor após análise dos alunos. Além disso, os textos do *site* são muito completos e competentes.
- Conhecimentos Gerais: <http://www.conhecimentosgerais.com.br/historia-geral/revolucao-chinesa.html>. *Site* com textos escolares e bastante objetivos. Traz informações precisas sobre a história da Revolução Chinesa.
- Dez em tudo: http://www.10emtudo.com.br/demo/geografia/a_republica_popular_da_china/index_1.html. *Link* em português para a Geografia e História da China. Bastante completo e preciso, ainda que muito tradicional na perspectiva histórica.



COMO TRABALHAR O LIVRO EM SALA DE AULA

Temos em mãos um material histórico de primeiríssima qualidade (um relato em forma de memorial de uma experiência histórica marcante) e uma narrativa que nos permite acessar aspectos bastante pessoais e íntimos do processo de construção de maturidade do nosso personagem-autor.

Para definir as maneiras pelas quais trabalhar com o livro em sala de aula, é muito importante ter claros os objetivos que perseguimos com a leitura deste material. Abaixo, algumas sugestões.

Para que se possa garantir que este livro permita aos nossos alunos um contato qualificado com a recente História da China, é importante tomar algumas providências. Uma visita ao *site Morning Sun* permitirá aos alunos entrar em contato com imagens da Revolução Cultural. Seria interessante verificar essas imagens (principalmente os cartazes) e chamar a atenção deles para o fato de que a linguagem gráfica das ilustrações do livro remetem à estética dos cartazes da Revolução.

Esse tipo de associação pode ajudar os alunos a perceber que estão diante de uma obra cujo autor, além de ter vivido uma determinada experiência histórica, refletiu sobre ela e elaborou cuidadosamente seu relato literário e imagético. Ali será possível observar toda a reverência a Mao Tsé-tung presente naqueles dias, especialmente na galeria de *bottons* do líder comunista. Há também fotografias que atestam a onipresença dos ensinamentos de Mao, lidos em todas as situações (na piscina, na rua etc.).

Por mais construídas que possam ser muitas imagens, elas guardam a força de transportar os observadores para um universo distante. Nesse caso, falamos especificamente da Revolução Cultural. O acesso a essas imagens pode, portanto, qualificar (no sentido de atribuir significado a leitura que os alunos farão do livro).

Pode ser interessante também intercalar momentos de leitura da narrativa apresentada por Ange Zhang com momentos de leitura do material histórico disponível no final do livro. Quanto mais os alunos souberem sobre a Revolução Cultural e o período maoísta, antes da leitura de *Terra vermelha, rio amarelo*, mais eles aprenderão com essa leitura, do ponto de vista da História, pois terão um repertório maior com o qual relacionar sua leitura.



Nesse trabalho mais propriamente histórico, é importante assegurar algumas aprendizagens, o que dependerá do professor chamar a atenção dos alunos durante uma leitura compartilhada, para determinados pontos da experiência histórica narrada:

- A presença esmagadora do Estado Chinês sobre a população (nesse sentido abordando tanto a violência de Estado quanto o socialismo de Estado).
- A questão do espaço público, tomado como cenário privilegiado para as lutas e embates travados durante a Revolução Cultural.
- A intenção de promover uma revolução na maneira de pensar das pessoas, ou seja, não apenas revolucionar uma sociedade capitalista no que diz respeito a suas estruturas materiais (propriedade privada, exploração de mais-valia nas relações de trabalho etc.).

Estamos, além disso tudo, com uma narrativa que permite enxergar todo esse período da história da China, de uma perspectiva pessoal, com todos os sentimentos de um adolescente que não estava vendo os acontecimentos de uma posição distanciada, mas participando deles.

Para dar conta desses aspectos, vale a pena o professor organizar em sala de aula um debate depois da leitura do livro. Um debate na escola não deve ser entendido como uma discussão. Há muitos objetivos de aprendizagem aqui, como, por exemplo, adotar uma postura de respeito diante das opiniões dos outros, construir bons argumentos, antecipar possíveis contestações e com isso trabalhar com a elaboração prévia de discursos, aprender que é possível aprender com os colegas etc. O debate é, portanto, uma situação didática controlada.

O professor pode criar grupos que se responsabilizem por defender os pontos de vista que a Revolução Cultural pode encerrar. Teríamos, por exemplo, aqueles que estudariam a intenção da Revolução Cultural, ou seja, adotariam o ponto de vista de Mao Tsé-tung e dos entusiastas da Revolução. Outro grupo poderia ficar responsável por defender a idéia de que a Revolução Cultural foi antes de mais nada uma violência contra a população chinesa. Outros ainda poderiam defender o comunismo chinês, mas sustentar a opinião de que a Revolução Cultural não obteve nenhum êxito. Em todos os casos, importa uma boa compreensão histórica da Revolução Cultural. Enfim, o professor pode integrar seus alunos no processo de escolha de posições que seriam passíveis de se adotar diante de um estudo sobre a Revolução Cultural.



Os alunos deveriam então preparar suas falas antes do debate (isso pode ser feito em sala de aula, sempre com a supervisão do professor) e escolher os papéis de cada integrante do grupo durante o debate (mediador, relator, orador etc.).

Se houver a possibilidade, seria aconselhável o professor filmar o debate realizado em aula pelos alunos. Esse material pode depois ser exibido às classes, fazendo pausas em alguns trechos e permitindo aos alunos verificar com olhar crítico como foi sua participação, como se comportaram fisicamente, se deixaram outro colega falar sem interrompê-lo e se conseguiram concatenar adequadamente as idéias e argumentos no sentido de convencer a platéia. Nessa aula, alguns critérios de avaliação do trabalho com o livro e do debate poderiam ser formulados pelo professor em conjunto com os alunos. Depois disso, os alunos fariam um novo debate.

Outro trabalho interessante de se fazer com este livro diz respeito às imagens. O professor poderia propor à classe que cada aluno ou cada grupo pequeno de alunos criasse um cartaz sobre a Revolução Cultural. Nesse sentido, estaríamos aproveitando as ricas ilustrações de Ange Zhang e a linguagem mais comum da época da Revolução Cultural. Os alunos poderiam escolher entre fazer cartazes que explicassem a Revolução Cultural, ou que protestassem contra ela, ou que atuassem na perspectiva de divulgar os ideais da Revolução. O professor poderia organizar então uma exposição dos cartazes dos alunos pela escola e convidar os pais para vê-la.

ELABORAÇÃO DO GUIA DANIEL HELENE VIEIRA (PROFESSOR DE HISTÓRIA DA ESCOLA DA VILA, SÃO PAULO); PREPARAÇÃO ALEXANDRE FELDMAN; REVISÃO CARMEN OLIVIERI

